



## **EVIDENCIANDO O SISTEMA DE INCLUSÃO ESCOLAR POR AQUELES QUE VIVEM ESSE SISTEMA**

### **DEMONSTRATING SCHOOL SYSTEM INCLUDING THOSE WHO LIVE BY THIS SYSTEM**

#### **Ricardo Lopes Fonseca**

Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Londrina – UEL. Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380, Campus Universitário, Cx. Postal 10.011, CEP 86.057-970, Londrina – PR. E-mail: ricardolopesfonseca@hotmail.com

#### **Eloiza Cristiane Torres**

Professora do Departamento de Geociências da Universidade Estadual de Londrina – UEL. Rodovia Celso Garcia Cid (PR 445), Km 380, Campus Universitário, Cx. Postal 10.011, CEP 86.057-970, Londrina – PR. E-mail: elotorres@hotmail.com

**Resumo:** Este estudo engloba as principais características sobre a educação inclusiva do aluno surdo nas salas de aulas. São várias as reflexões que se apresentam no transcorrer deste trabalho. A expectativa é que os pensamentos aqui mencionados sejam de fácil compreensão para o leitor e que consigam despertar a consciência e o senso crítico com referência à situação do modelo de inclusão de alunos surdos nas escolas públicas do Brasil. Considera-se educação inclusiva o método de inclusão de distúrbios de aprendizagem na rede básica de ensino. Essa discussão é direcionada para o ensino de Geografia para os alunos surdos, sendo que as propostas pedagógicas direcionadas para o indivíduo surdo têm como finalidade possibilitar o crescimento total de suas capacidades, porém, o que se percebe é que não é isso que ocorre nas salas de aulas.

**Palavras-Chaves:** Educação Inclusiva; Geografia; Surdo; Ensino.

**Abstract:** This study deals with the main characteristics about the inclusive education for deaf students in the classroom. Several considerations are shown through this essay. The thoughts mentioned are expected to be easy for the reader understanding and able to raise the awareness and critical thinking according to the inclusion model for deaf students in public schools in Brazil. Inclusive education is considered to be the method of inclusion of learning disorders in elementary and high education. This discussion is directed to the variety of implications about geography teaching for deaf students. The education for deaf students should be carefully observed since the educational proposals directed to this group have the goal to make possible the total development of their capacity. However, it is not what happens in classrooms.

**Key Words:** Inclusive Education; Geography; Deaf; Education.

## **Introdução**

A ideia de educação inclusiva está ligada ao conceito oferecido pela Política Nacional de Educação Especial do Ministério da Educação:

A Integração Escolar é um processo gradual e dinâmico que pode tomar distintas formas de acordo com as necessidades e habilidades dos alunos. A integração educativo-escolar refere-se ao processo de educar – ensinar, no mesmo grupo, as crianças com e sem necessidades educativas especiais, durante uma parte ou na totalidade do tempo de permanência na escola. (BRASIL. MEC, 1994, p.15).

Na educação especial as diferenças humanas são vistas como normais e em harmonia com a aprendizagem, a qual deve ser adequada às dificuldades da criança, ao invés de adaptar a criança ao processo de aprendizagem. A experiência vivida com crianças portadoras de necessidades especiais tem mostrado que com a aplicação de propostas pedagógicas os índices de desistências e repetência escolar diminuem, garantindo ao mesmo tempo índices médios mais satisfatórios de rendimento escolar.

A tendência em política social durante as duas últimas décadas tem sido a de promover integração e participação e de combater a exclusão. Inclusão e participação são essenciais à dignidade humana e ao desfrute e exercício dos direitos humanos. Dentro do campo da educação, isto se reflete no desenvolvimento de estratégias que procuram promover a genuína equalização de oportunidades. (UNESCO, 1994, p. 05).

A Lei 10.098/2000 e a Lei 10.172/2001 devem assegurar o acesso dos alunos que precisem de educação especial, mediante a eliminação de barreiras arquitetônicas urbanísticas na edificação – abrangendo instalações, equipamentos e mobiliário –, bem como obstáculos nas comunicações, provendo as escolhas dos recursos humanos e materiais necessários.

Sabe-se ainda que, o aperfeiçoamento em serviço deveria, sempre que possível, ser exercido no âmbito da escola e através de interação com treinadores.

[...] O professor (da classe especial) certamente conhece o diagnóstico do aluno – as principais características e decorrências de seu quadro patológico – mas quase nunca usa este dado como ponto de partida para conhecer as potencialidades do sujeito. O diagnóstico é mais frequentemente visto como um fator limitante na vida escolar do aluno: define o que o sujeito não pode fazer. Paradoxalmente, a situação da escola regular não é muito diferente. Falta, na maioria dos casos, uma reinterpretação das dificuldades e necessidades do aluno no contexto escolar. (FREIRE e VALENTE, 2001, p. 76).

Exercício especializado em educação especial que leve às classificações profissionais, deveria ser aplicado ou precedido com experiência como um modo regular e formação de professores, mas, nota-se que há oposição de algumas instituições. É importantíssima a atuação dos professores especiais, que com suas habilidade e dedicação aplicam seus conhecimentos em ambientes diferentes, assumindo um papel fundamental em programas de educação especial.

A partir disso, então, será apresentada as opiniões daqueles que vivenciam o sistema de educação inclusiva de estudantes surdos, onde a coleta dos dados foi dividida em: escola pública, questionários com os diretores, questionários com pedagogos, questionários com os professores de Geografia, questionários com intérpretes, questionários com alunos ouvintes e questionários com alunos surdos. A escolha das escolas se deu por amostragem de escolas de algumas cidades do Norte Paranaense. Ao todo foram aplicados 5 questionários com cada grupo.

### **O ensino público para os surdos**

A realidade da escola pública, quando se trata de inclusão escolar de alunos portadores de necessidades especiais, é constatada por meio de uma expectativa diversa da escola particular, podendo ser verificada pelos movimentos populistas da política ou pela simples carência constatada no decorrer dos anos. Então, referindo-se a escola pública percebe-se o resultado dos esforços investidos no desenvolvimento do aluno surdo, sendo que a contratação de intérpretes pode ser considerada como o fator primordial desses investimentos. Com isso pode-se registrar algumas ideias e opiniões de membros da equipe pedagógica, sendo que muitas delas são pertinentes na elaboração deste estudo, considerando-se que:

**Escola A:** *“é difícil lidar com um aluno surdo, mesmo na presença do intérprete, pois nós temos que nos adaptar ao mundo deles”.*

**Escola B:** *“trabalhar com alunos surdos e alunos ouvintes é difícil, pois como os alunos surdos representam uma minoria na escola, às vezes quando preparamos uma atividade que abrange toda escola, torna-se inviável inseri-los neste meio e com isso eles acabam sendo deixados de lado”.*

Diante dessas duas manifestações, percebe-se que mesmo com a atuação do intérprete na escola, é difícil para os ouvintes se habituarem à presença do surdo. Isso acaba confirmando o que foi mencionado; ou seja, muitas vezes são “deixados de lado”. Possivelmente, isso acontece pelo fato de o corpo funcional da instituição

escolar não está preparada já que muitos diretores, orientadores e até os próprios funcionários, como serventes, porteiros e zeladores também não são qualificados satisfatoriamente para trabalhar com essa situação. Acrescentam-se ainda duas opiniões:

**Escola C:** *“admito que pouco tem sido realizado na escola pública para melhorar a situação do surdo, por outro lado, não acredito que incluir um aluno surdo num meio onde somente com a ajuda do intérprete esse aluno poderá se comunicar com seus colegas e professores, possa melhorar muito a realidade da educação especial para os surdos”.*

**Escola D:** *“o sistema de inclusão proposto pelo governo possui muitas falhas, não há incentivo, tanto financeiro quanto educacional, para que o processo de inclusão seja válido. Estamos de um modo geral incluindo por incluir”.*

Com referência à escola pública, os próprios pedagogos têm conhecimento da dificuldade que existe para que a inclusão seja efetivada com sucesso, tanto que educadores desta última escola afirmam que “estamos de um modo geral incluindo por incluir”, confirmando que incluir por incluir jamais produzirá os resultados esperados. É preciso que haja a interação com o aluno surdo, pois não são eles que necessariamente precisam se adaptar ao mundo do ouvinte, mas este sim, deve se adaptar ao mundo do surdo.

Uma escola pública possui em média de 800 a 1.400 alunos no seu total, dependendo do porte de cada instituição. Em termos mais otimistas de 10 a 15 surdos fazem parte desses números, representando de 3% a 4% do total, sendo que em inúmeras escolas, quando há a presença destes alunos, eles não passam de 2 a 3.

Em uma turma mista, ou seja, composta por alunos surdos e ouvintes, existe a dificuldade de adequação da prática pedagógica, que frequentemente não consegue atingir os objetivos dos dois grupos (surdos e ouvintes), acabando por priorizar um dos grupos, muitas vezes dando prioridade ao dos ouvintes – que é maioria.

Mesmo considerando que a escola pública tenha melhor preparo do que instituição privada, nessa situação específica, ainda está longe de ser considerado aceitável. É notável que o principal objetivo da instituição seja a formação de cidadãos e sua sociabilidade, embora, mesmo com todo o investimento aplicado nas escolas públicas focados, nessa questão, constata-se que essa finalidade está longe de ser realizada.

## **A experiência de quem vive o sistema**

É importante analisar as opiniões das diversas pessoas que fazem parte da comunidade escolar sobre as questões que envolvem a inclusão de alunos surdos acerca das seguintes perguntas, que foram realizadas para os diretores, pedagogos, professores de geografia e intérpretes: 1) Qual a sua opinião sobre o sistema de inclusão?; 2) O que precisa ser modificado neste sistema de inclusão?; 3) Como você trabalha com a inclusão de alunos?. As respostas para cada pergunta estarão separadas por colchetes – [...]’.

### **a) O Ponto de Vista dos Diretores**

Entre as diversas funções do diretor, uma das mais importantes em relação a sua função é de ter conhecimento da realidade da escola, sendo importante e necessário que o diretor conheça a escola não só interiormente, mas que ele também conheça a comunidade na qual a escola está ligada. O diretor também deve compreender o contexto da sociedade em que a escola está envolvida, ter conhecimento do ambiente onde os alunos vivem, dialogar com as famílias, percebendo os problemas que envolvem a escola e saber os pontos positivos existentes e que podem ser percebidos e aproveitados pela escola. É importantíssimo que o diretor saiba tudo o que ocorre no ambiente exterior à escola e que acaba tendo resultados no seu interior.

**Diretor A:** *“Tem que haver, mas não da forma como acontece, pois muitas vezes não há a inclusão de fato. [...] Tem que ser mais bem estruturadas as políticas públicas e os investimentos com qualificação de profissionais. [...] Pede-se um diagnóstico de um determinado aluno que possua as características de algum problema e nós encaminhamos ele para um tratamento e acompanhamento.”*

Esta escola conta com 14 alunos especiais, há alunos cegos, autistas, hiperativos, deficientes auditivos, neuromotor, disléxicos e surdos. Quanto aos surdos estes são 02 na escola, matriculados na mesma classe e a escola conta com a presença de 01 intérprete. O diretor, porém, quase não está em contato com estes alunos, pelo fato de que o mesmo não domina a linguagem de sinais.

**Diretor B:** *“Está acontecendo de uma forma que precisa ser melhorada. [...] Melhorias na forma de capacitar os profissionais da educação para direcionar o ensino*

*dos que precisam de atendimento especial. [...] Nossa equipe pedagógica acompanha regularmente cada aluno especial.”*

Aqui são vários os alunos com necessidades especiais, não há um número exato, por causa da questão de diagnósticos do tipo de deficiência e a escola não realiza estes diagnósticos. Sabe-se que há 01 aluno surdo, entretanto a escola não possui intérprete, e tampouco o diretor, mesmo sabendo ‘muito pouco’ de Libras, não se relaciona diretamente com o aluno.

**Diretor C:** *“É importante que haja um comprometimento com este assunto, mas não se pode ir colocando todo tipo de aluno especial sem haver preparação. [...] Investimento do Estado, melhorias na forma de acesso à escola, cursos de capacitação para os educadores. [...] De uma maneira bem precária, pois não temos condições de realizar um diagnóstico e tão pouco de fazer um acompanhamento regular.”*

São 08 alunos especiais, não há aluno surdo nesta escola. Hiperativos e autistas são a maioria neste estabelecimento. Mesmo se houvesse algum aluno surdo, seu relacionamento com o diretor seria nulo, pois o diretor não sabe conversar em Libras.

**Diretor D:** *“Precisa ser melhorado, não pode ser do jeito que é. [...] Todas as políticas públicas precisam ser melhoradas. [...] A escola está de portas abertas para receber qualquer tipo de aluno.”*

Mesmo não sabendo o número exato de alunos que necessitam de acompanhamento especial, sabe-se pelo menos que há 02 alunos surdos, porém não há intérprete na escola. O diretor se preocupa apenas em acompanhar o desempenho deles. Este mesmo diretor conhece apenas o básico de Libras.

**Diretor E:** *“Podia ser melhor. [...] Melhorias na forma de acesso. [...] A escola sempre recebe alunos com algum tipo de necessidade especial e dá acompanhamento a este aluno.”*

Nesta escola, há aproximadamente 20 alunos inclusos distribuídos nas salas, sendo das mais variadas deficiências: visual, neuromotor, paralisia cerebral, hiperativo, autista e surdez. São 07 alunos surdos, distribuídos para 04 intérpretes que atendem um em cada sala que há alunos. O diretor deste estabelecimento procura estar atento a todos os alunos, principalmente, na questão comportamental e de isolamento. Atrelado a esta preocupação do diretor constatou-se que o mesmo possui um nível razoável de conhecimento em língua de sinais, o necessário para saber como o aluno se sente em relação ao ambiente escolar.

De uma maneira geral, pode-se notar que a maioria dos diretores não está contente com as formas do processo de inclusão de alunos especiais em escolas públicas. Eles sabem que mesmo havendo uma série de benefícios aos que necessitam de atendimento escolar diferenciado muito ainda precisa ser mudado, principalmente no que diz respeito a três pontos, que foram os mais citados: 1) políticas públicas; 2) formação e capacitação de todo grupo de profissionais da escola; e 3) formas de diagnosticar de maneira concisa todos os alunos que apresentam algum tipo de necessidade especial.

## **b) O Ponto de Vista dos Pedagogos**

O trabalho do pedagogo é necessário para produzir a interligação entre os profissionais da escola. O pedagogo é a ligação para o trabalho simultâneo para que a escola consiga de fato realizar o seu papel primordial que é o de fornecer uma educação que estimule a comunidade para o processo de libertação da sociedade, principiando da sua própria emancipação. Não há possibilidade da escola oferecer uma educação isenta sem que ela mesma esteja verdadeiramente livre do excesso de inovações.

Faz-se importante ressaltar que a ordem em que aparecem as transcrições dos pedagogos, assim como dos demais entrevistados, não é referente à mesma dos diretores, isto é, não são da mesma escola, pelo fato de que há escola que possui mais de um pedagogo e como foi notado na entrevista dos diretores, tem escola que não possui nenhum aluno surdo.

**Pedagogo A:** *“Não vejo como um sistema que realmente funcione, é cheio de falhas. [...] Primeiramente, acredito que cada escola deveria contar com 01 psicopedagogo clínico para fazer os diagnósticos dos alunos. [...] Peço aos professores que busquem métodos que propiciem a educação aos dois grupos de alunos”.*

O pedagogo se relaciona somente quando necessário com os alunos surdos, mesmo tendo um conhecimento básico de Libras, o pedagogo prefere o auxílio do intérprete para realizar essa comunicação com os estudantes surdos. Mesmo considerando importante haver conversas com a família, este pedagogo quase não estabelece contato com os pais destes alunos.



**Pedagogo B:** *“Pode-se considerar um avanço, mesmo que precisando ser melhorado. [...] Capacitação dos docentes e de toda equipe escolar. [...] Fornecendo apoio e ideais para diferentes práticas pedagógicas.”*

Este pedagogo procura verificar o rendimento escolar do aluno surdo e o comportamento do mesmo com os demais colegas. O pedagogo em questão não sabe conversar em Libras e tampouco se comunica com os pais deste aluno para passar a eles as informações pertinentes sobre o filho deles.

**Pedagogo C:** *“É falho. [...] Deve ser analisado cada item das políticas públicas educacionais para a educação especial e adequar as novas concepções escolares. [...] Peço aos professores considerarem as dificuldades de cada aluno e a partir daí estabelecer sua metodologia, beneficiando ao máximo todos os alunos.”*

Segundo informações deste pedagogo é superficial a relação dele com os alunos surdos, verificando apenas a questão de rendimento escolar. O interessante neste pedagogo é que ele possui um nível intermediário de conversação em Libras, mesmo sendo superficial a relação dele com os alunos surdos. Ele conversa regularmente com os pais destes com a finalidade de verificar o comportamento destes alunos em suas casas.

**Pedagogo D:** *“É importante que haja, mesmo sendo desta forma; pelo menos hoje já se pensa nessas crianças que precisam de ajuda. [...] Educadores e servidores preparados. [...] Peço que procurem trabalhar em conjunto com outros professores.”*

Quase não há uma relação dialogada entre o pedagogo e os alunos surdos, porém este pedagogo conversa com os pais sempre que necessário, tanto em relação ao rendimento como em relação ao comportamento de seus filhos. O pedagogo tem pouco conhecimento sobre Libras, o que torna esta situação mais grave, pois não há intérprete nesta escola.

**Pedagogo E:** *“Tem que ser melhorado, aperfeiçoado. [...] Principalmente o que diz respeito às políticas públicas. [...] Para que tratem os alunos surdos o mais normal possível.”*

Nesta escola o pedagogo se diz sempre atento às questões comportamentais e de rendimento escolar dos alunos surdos, tanto que ele conversa regularmente com eles, pois possui fluência em Libras, até mesmo pelo fato deste estabelecimento contar com um número relativamente alto de alunos surdos. Por conta disto ele conversa regularmente com os pais.

Analisando de forma geral, nota-se que a maioria dos pedagogos, bem como no caso dos diretores, estão insatisfeitos com o modo como se está realizando a



inclusão de estudantes especiais em escolas públicas. Todos percebem que muita coisa precisa ser revista, assim como os diretores, os pedagogos sabem que muito ainda precisa ser mudado, principalmente no que diz respeito à forma de realização do diagnóstico das deficiências; alguns pontos das Diretrizes para a Educação Especial; a formação tanto do corpo docente quanto dos demais funcionários do quadro escolar; e até mesmo, melhorias na forma de acesso a escola.

### **c) O Ponto de Vista dos Professores de Geografia**

O papel do professor é primordialmente ensinar, transferir conhecimentos, preparando o aluno para a vida e ao mesmo tempo mostrando-lhe meios que o façam pensar, analisar situações consideráveis e de modo inteligente, optar pelo caminho melhor a ser trilhado.

**Professor A:** *“Não funciona de forma adequada. [...] Toda a base fundamental gira em torno das políticas públicas. [...] Procuro sempre diversificar para tentar ajudar esses alunos a melhor compreender os conteúdos.”*

Este professor possui nível básico de conhecimento em Libras e ainda precisa de intérprete para auxiliar nas aulas. Assim, antes das aulas prepara o intérprete apresentando como será a metodologia da aula e também o conteúdo que será ministrado.

**Professor B:** *“Precisa ser melhorada. [...] A forma como se inclui. [...] Variando as metodologias, mas nem sempre é possível.”*

O professor em questão não conhece a língua de sinais, isto é, não sabe se comunicar através dela, mesmo assim procura melhorar ou adequar suas aulas para poder satisfazer esses alunos. Entretanto sua relação com o intérprete é um pouco afastada.

**Professor C:** *“Melhor do que não haver nenhum tipo de sistema. [...] As políticas públicas. [...] Revejo minha prática pedagógica.”*

Este docente mesmo sabendo conversar em Libras prefere deixar esta tarefa para o tradutor, ele considera que desta forma está agindo de modo profissional com o intérprete. Mesmo assim, sempre que necessário ele procura estabelecer algum tipo de conversa com os alunos surdos.

**Professor D:** *“É irregular. [...] Há a necessidade de se aprimorar a educação especial. [...] Regularmente verifico qual a melhor forma pedagógica e didática de ensiná-lo.”*

O professor procura ao máximo verificar se o aluno surdo está entendendo o conteúdo, este educador faz isso através de um modo de língua de sinais um tanto informal, como o próprio professor considera, isto é, ele sabe conversar através da língua de sinais, mas essa língua não é aquela da Libras, ainda assim o aluno compreende a conversa do professor, pois estabeleceram esta relação anteriormente. Até porque esta escola não possui intérprete.

**Professor E:** *“Precisa urgente ser reconsiderada. [...] Desenvolver ações que de fato façam os alunos serem incluídos e integrados no ambiente escolar, e não apenas jogados na escola. [...] Variando a proposta metodológica de acordo com o conteúdo.”*

A relação deste professor com o tradutor não é muito boa, pois o docente em questão não se sente muito a vontade com o intérprete em sala. A partir dessa situação o professor procura sempre conversar com os alunos surdos através do seu conhecimento em Libras.

O principal objetivo dos professores é ajustar uma metodologia que possa ser desenvolvida e direcionada para os dois grupos de alunos e que produzam resultados idênticos. Muitos são os casos em que em uma sala mista o professor recorra às aulas convencionais para ministrar suas aulas, mostrando ser essa uma maneira segura de não passar por situações embaraçosas possíveis de alguma gafe. Porém, verifica-se que há a obrigação de se procurar práticas pedagógicas dinâmicas e que podem ser aplicadas em sala de aula com os alunos surdos e ouvintes e que os resultados podem ser os mesmos.

#### **d) O Ponto de Vista dos Intérpretes**

A função principal do intérprete em sala de aula é ser uma ligação entre pessoas que compartilham línguas e costumes diversos como em qualquer assunto tradutório que conviveu ou poderá vir a conviver. O intérprete desenvolve uma atividade humana e que requer dele inteligência e capacidades mentais para ensinar o contexto, a mensagem de um código linguístico para o outro.

**Intérprete A:** *“Acredito ser um sistema que não beneficia a todos os alunos. [...] Encontrar formas de atender todas as necessidades dos alunos especiais. [...] Seguindo o mais próximo da tradução correta possível.”*

Este tradutor possui um ótimo relacionamento com os alunos surdos, principalmente na questão de confiança. Em relação ao professor há pouco diálogo, às

vezes trocam informações sobre as aulas, outras não. Sua área de formação é Ciências Biológicas.

**Intérprete B:** *“Há muito para ser melhorado. [...] Deve-se trabalhar os conceitos da educação especial ainda na faculdade. [...] Da maneira que o aluno melhor entenda.”*

Intérprete formado em Pedagogia e considera-se apenas o tradutor deles, sem relações mais próximas. Sua relação com o professor é considerada boa.

**Intérprete C:** *“Cheio de falhas. [...] As políticas públicas deveriam ser melhoradas. [...] Através do que aprendi com as regras gerais de Libras, de modo sistemático.”*

Procurando se relacionar da melhor forma possível, este tradutor se preocupa, além de traduzir, em auxiliar o aluno e o professor titular da sala. Com formação em Pedagogia possui um razoável relacionamento com o professor.

**Intérprete D:** *“Não me afeta diretamente, a não ser que trabalho com isso. [...] Melhor preparação dos profissionais. [...] Da maneira que eu conheço, nem sempre sendo a forma padrão da Libras, mas numa linguagem paralela.”*

Tanto a relação entre professor e aluno surdo, este tradutor se diz profissional no trabalho que realiza. Sua formação acadêmica é em Geografia.

**Intérprete E:** *“Está bom. [...] – [...] De maneira prática, da forma que o aluno possa entender.”*

De formação em Pedagogia, este intérprete se considera um amigo para os alunos surdos, alguém em quem eles podem confiar. Sua relação com o professor é boa, sempre conversam bastante sobre os conteúdos que serão ministrados em sala de aula.

Com referência ao papel do intérprete em sala de aula, percebe-se que ele exerce diversos papéis, ensinar língua de sinais, resolver demandas pessoais do aluno, trabalhar frente ao comportamento do aluno, desenvolver uma situação adequada para a sala de aula, atuar como educador diante de dificuldades de aprendizagem do aluno, que o faz ser como um verdadeiro educador. Por isso, os intérpretes reivindicam o direito de integrarem-se à equipe pedagógica, o que, porém, não ocorre na prática em todas as escolas.

#### **e) O Ponto de Vista dos Alunos Ouvintes**

Em relação a esta etapa, também é necessário observarmos as opiniões de diversos alunos ouvintes sobre as questões que envolvem seus colegas surdos,

acerca das seguintes perguntas: 1) Qual o seu tratamento com o seu colega surdo, isto é, como você se relaciona com ele?; 2) Você acha correto que alunos surdos estudem junto com alunos ouvintes, por quê?. As respostas para cada pergunta, como sempre, estarão separadas por colchetes – ‘[...]’.

**Aluno A:** “Normalmente faço trabalhos com ele. [...] Sim, eles são apenas surdos e não é por isso que eles não podem aprender.”

Este aluno se comunica bem pouco com ele, pois nem sabe se é da forma correta que ele conversa com o colega surdo, pois não conhece muitos sinais de Libras.

**Aluno B:** “Bom, converso sempre que necessário. [...] Claro, é direito dele.”

Este estudante conversa razoavelmente, mas acabam sempre se entendendo, mesmo não sendo da forma certa os sinais que ele faz com o colega surdo.

**Aluno C:** “Quase não converso com eles, porque tenho medo de não conseguir me comunicar com ele. [...] Acho sim, não tem que haver discriminação.”

Por não saber se comunicar em Libras, quase não entra em contato com o colega surdo.

**Aluno D:** “Não converso com ele. [...] Não, porque parece que as aulas perdem um pouco na questão do desempenho do professor.”

Este estudante não tem interesse pela inclusão de alunos com necessidades especiais, e tampouco acredita que deveria haver, pois se sente prejudicado com tal situação.

**Aluno E:** “Converso pouco com ele. [...] Sim, eles precisam receber a mesma educação que nós.”

Quase não interage com o colega surdo, pois não tem conhecimento de língua de sinais.

Alguns alunos, porém, citam um lado crítico, não especificamente ao fato da inclusão desses alunos, mas com referência ao modo como o professor direciona seus ensinamentos para surdos e ouvintes de uma mesma classe e muitas vezes na tentativa de orientar bem os dois grupos acabam deixando a classe inteira se sentindo como numa “nau à deriva”.

É evidente também, que há aqueles estudantes que não aceitam que haja alunos surdos estudando na mesma sala de aula dos alunos ouvintes. Por preconceito ou por se sentir prejudicado com a forma como as aulas são explicadas, enfim, independente do fato, a escola deve trabalhar alguns conceitos acerca da inclusão de alunos especiais para desmistificar alguns tabus.

## **f) O Ponto de Vista dos Alunos Surdos**

Nesta última etapa de entrevistas, veremos as opiniões de diversos alunos surdos sobre as questões que envolvem seus sentimentos de inclusão, acerca das seguintes perguntas: 1) Qual o seu tratamento com o colega ouvinte, isto é, como você se relaciona com ele?; 2) Você acha correto que alunos surdos estudem junto com alunos ouvintes, por quê?. As respostas para cada pergunta, como sempre, estarão separadas por colchetes – ‘[...]’.

**Aluno A:** “Me relaciono bem com alguns deles. [...] Sim, mas tem que ser melhor do que é hoje.”

Este aluno surdo se sente às vezes incluído e outras vezes não, mesmo tendo uma boa relação com os colegas ouvintes, com o tradutor e, também, com o professor.

**Aluno B:** *“Sou um pouco tímido. [...] Deveria ser, pois tenho inteligência para aprender os conteúdos que eles aprendem.”*

Este não se sente incluído, e pelo fato de ser tímido dificulta criar a aproximação com os estudantes ouvintes. Quase não se comunica diretamente com o professor, entretanto sua relação com o intérprete é boa.

**Aluno C:** *“Sou amigo de poucos. [...] Sim, pois é nosso direito.”*

Diferentemente do aluno surdo anterior, este se sente integrado no ambiente escolar. Considera ter uma relação normal com o professor, porém tem uma relação muito melhor com o tradutor, o qual muitas vezes o considera como professor titular, pois corriqueiramente é o intérprete que sana as dúvidas dele.

**Aluno D:** *“Não gosto deles. [...] Não, porque atrapalha todo mundo ter alunos diferentes em sala.”*

Não se sente incluído este aluno, sua relação com o professor não é boa, mas em contrapartida com o intérprete é um pouco melhor.

**Aluno E:** *“Converso com alguns poucos. [...] Sim, porque sei que sou capaz de aprender igual aos outros.”*

Não possui boa relação com o professor, diferentemente da relação com o intérprete que é positiva. Mesmo se sentindo incluído este aluno acredita que deveria ser melhor o sistema da inclusão.

Fica evidente a preocupação que os alunos têm com relação ao modelo de inclusão, sendo o maior desejo deles um sistema melhor que venha ser aplicado, e que acabe de vez com as diferenças existentes. Há também o fato de que alguns estudantes surdos preferem estudar em uma escola só para surdos, pois não se sentem bem no ambiente escolar com alunos ouvintes, uma vez que percebe haver uma discriminação por parte de alguns colegas.

### **Considerações finais**

Em uma sala de aula composta por alunos ouvintes e surdos, existe o problema de ajuste da prática pedagógica, que muitas vezes não atinge os objetivos dos dois grupos (surdos e ouvintes), com tendência a priorizar um dos lados (surdo ou

ouvinte), e como os ouvintes são maioria a tendência será de eles serem mais bem assistidos.

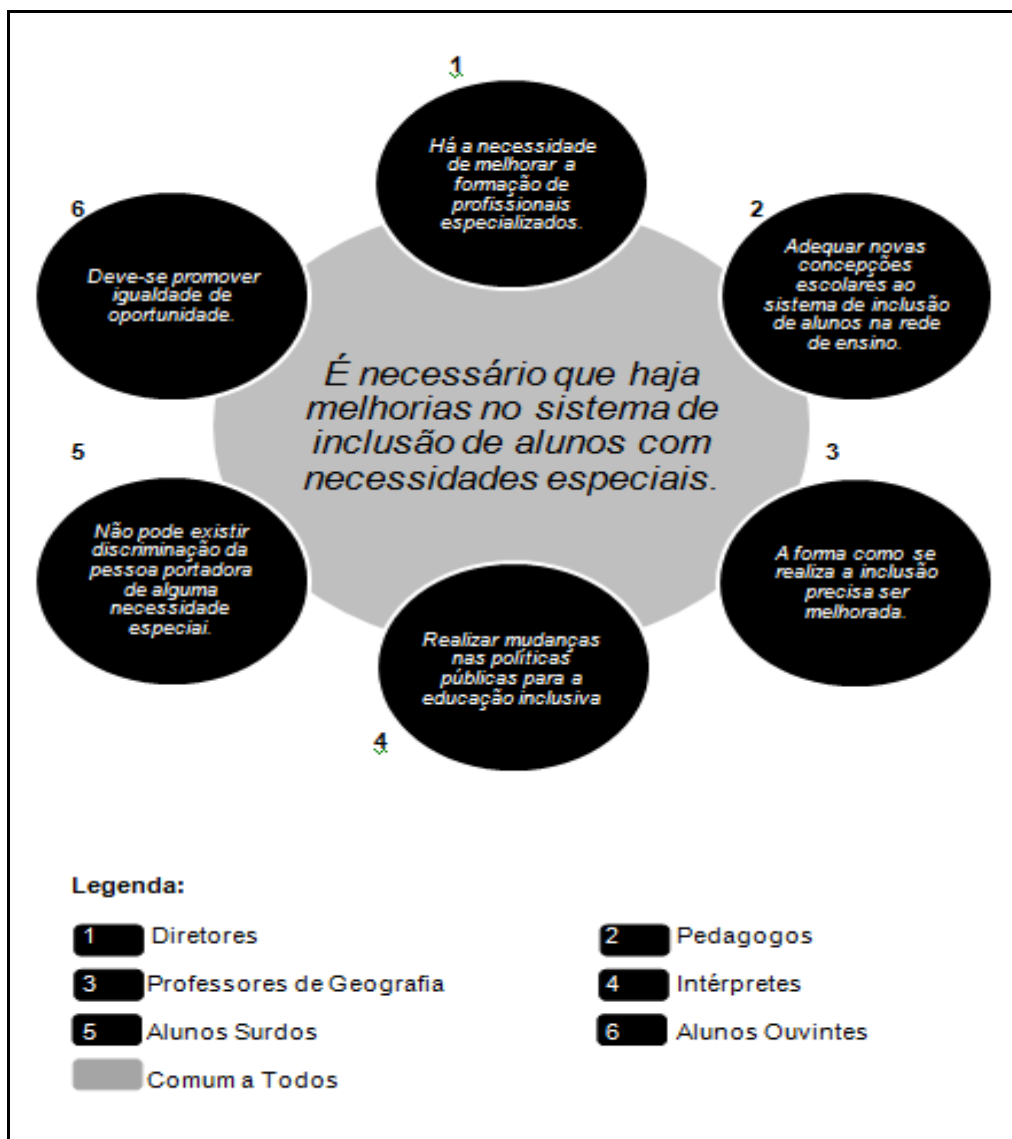
Diferentemente da visão de diretores, coordenadores e pedagogos das escolas, é a dos professores, que são os solucionadores dessas divergências, tendo que ensinar alunos surdos e ouvintes com o mesmo modelo de ensino. São através deles que o sistema de inclusão de alunos surdos nas escolas públicas está sendo desenvolvido, de maneira “populista” pelas autoridades governistas, procurando primeiramente agradar a população que normalmente é desinformada sobre este tipo de prática.

Os professores demonstram insegurança na presença do tradutor, sentindo-se constrangidos e ansiosos, e essa tensão causada por eles mesmos acaba por prejudicá-los fazendo com que se percam na condução das aulas. Essa preocupação é desnecessária, já que os tradutores são profissionais preparados para lidar com situações diversas.

Questionando os pedagogos e professores de Geografia sobre a maneira como acontece à relação social entre alunos surdos e ouvintes posso hoje manifestar minha surpresa, já que não conseguia imaginar a existência de laços afetivos entre os dois grupos. Um psicólogo de uma escola explicou que isso ocorre, normalmente, pelo interesse dos alunos em conhecer o mundo do outro, e assim, criar linguagens próprias e conseguir uma comunicação satisfatória.

Ao analisar um grupo de alunos ouvintes e somente um surdo, percebe-se como realmente eles se ligam uns aos outros, reforçando a amizade e companheirismo construídos entre eles. Não se deve imaginar que isso acontece em todos os grupos, acreditando nessa ilusão de que é sempre assim, já que existem muitos alunos ouvintes possuidores de pensamentos preconceituosos que não aceitam pessoas “diferentes” em seu meio, mas de um modo geral percebe-se que há amizade e companheirismo para superar essas diferenças.

Na Figura 1 notaremos de forma resumida a visão que mais predomina em cada grupo de entrevistados, sendo que no centro evidenciou-se a opinião que mais foi comentada entre todas as pessoas envolvidas nesta etapa.



**Figura 1** – Síntese das Opiniões dos Entrevistados

Fonte: Pesquisa realizada em campo, entrevistas com membros da comunidade escolar.

Org.: FONSECA, R. L.

É essencial para o desenvolvimento intelectual dos alunos que o professor pesquise formas alternativas de ensinar um mesmo conteúdo, pois em uma sala de aula haverá sempre um aluno com dificuldade para compreender determinado assunto através de uma metodologia específica, e para isso é importante o professor usar de um “plano b” e administrar satisfatoriamente suas aulas.

O convívio com o intérprete é quase sempre principiado de parte do aluno surdo, originando um modo de relacionar-se um tanto diferente daquele desenvolvido pelos alunos ouvintes que às vezes precisam aguardar seu momento de colocar-se e até de se impor para conseguir falar.



A conduta dos pais é importantíssima para o trabalho, são eles que podem melhor observar o desenvolvimento do filho na escola, tanto com referência ao aprendizado, como também aos sentimentos relacionados à escola, professores e colegas de classe. Os pais veem o desenvolvimento de seus filhos de diferentes modos, seja o lado educacional, onde aparecem falhas a serem corrigidas pelos professores e diretores e também a questão da inclusão que, como evidencia cada análise, fica longe de ser vista como ideal, ou seja, no momento precisa participar de um sistema de inclusão ainda imperfeito e um tanto ilusório.

A participação do aluno surdo é especial; quando o professor pergunta um determinado assunto para a classe o aluno surdo não consegue participar em igualdade de condições com os demais, já que até o intérprete traduzir aquela questão, algum aluno ouvinte se antecipou e a respondeu; ou quando se desenvolvem atividades que envolvem o ver e ouvir ao mesmo tempo, o aluno surdo não consegue acompanhar toda a tarefa, visto que a tradução diminui caminhos, indo imediatamente ao assunto principal; valorizando conteúdos acadêmicos, não sendo traduzidos debates entre pares, conversas irônicas, condutas essas que acabam por excluir o aluno surdo.

Os intérpretes, que exercem uma função primordial, afirmam que as crianças surdas, ao entrarem na escola pouco sabem da língua de sinais e que eles precisam estar muito atentos para ensinar uma língua que elas tenham acesso e facilidade para aprender. Essa nova realidade vai se transformando à medida que as crianças vão adquirindo conhecimentos em língua de sinais, e o intérprete precisa ir diversificando e inovando sua produção. Portanto, é inegável que, um dos principais objetivos da escola é a formação de cidadãos e sua realização social, contudo, apesar de todo investimento empreendido nos colégios públicos, direcionado a essa questão nota-se que essa finalidade tão necessária ainda está longe de ser realizada completamente.

## **Referências bibliográficas**

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Política Nacional de Educação Especial**. Brasília: MEC/SEESP, 1994.

BRASIL. Lei nº. 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critério básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de

deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, 20 dez. 2000. Seção 1, P. 2.

BRASIL. Lei nº. 10.172, de 9 de janeiro de 2001. Aprova o Plano Nacional de Educação e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 10 jan. 2001. Seção 1, P. 1.

FREIRE, F. M. P.; VALENTE, A. **Aprendendo para a Vida: os Computadores na Sala de Aula**. São Paulo: Cortez, 2001.

UNESCO. **Declaração de Salamanca e linha de ação sobre necessidades educativas especiais**. Brasília: CORDE, 1994.

**Recebido em: 20/04/2012.**

**Aceito para publicação em: 26/11/2012.**